

Empréstimo voluntário pode voltar

Segundo maior credor do Brasil, o Bank of America defende a volta dos empréstimos internacionais voluntários ao país, principalmente na área de financiamento a importações e exportações, uma vez que o reajuste das contas externas já devolveu a credibilidade da comunidade financeira. Quem disse isso ontem foi o vice-presidente daquele banco no Brasil, Joel Korn, que esteve reunido no final da tarde com o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, para preparar a retomada das negociações da dívida externa no próximo mês, em Nova Iorque.

O dirigente do Bank of America disse também que sua instituição é a favor da renegociação plurianual da dívida brasileira, por considerar "muito desgastante" o esquema seguido até agora, de rolagem anuals que exigem a reunião de centenas de bancos de todo o mundo. "A renegociação envolvendo vários anos dá mais estabilidade não só ao país como também às instituições financeiras in-

ternacionais" - explicou. Ele prevê melhores condições em termos de taxas de risco e prazos para o Brasil, nesta "fase três".

A possibilidade de o Brasil não necessitar de "dinheiro novo" para pagar os juros de 1985, na opinião do representante do banco estrangeiro, foi "muito bem recebida pela comunidade financeira internacional". Lembrou, entretanto, que a definição das reais necessidades de recursos para fechar o balanço de pagamentos só será possível após os encontros que terão inicio na próxima segunda-feira, entre os técnicos do governo e os economistas enviados pelo Comitê de Assessoramento da dívida brasileira. Negou que desde a reunião do Fundo Monetário Internacional (FMI) os banqueiros já tivessem negado qualquer dinheiro novo ao Brasil.

Disse também que os bancos estrangeiros não têm porque não confiar nos acertos que serão feitos pela atual equipe, em

final de governo, embora admitem se reunir com o próximo governo para rediscutir as necessidades de crédito externo. Quanto à eventual necessidade de dinheiro novo logo no primeiro ano da próxima administração, Korn lembrou que "este problema deve ficar para ser discutido na época oportuna".

O representante do Bank of América prevê também alguma queda nas taxas internacionais de juros neste final de ano, pelo fato de que a economia americana está dando sinais de desaceleração em seu ritmo de crescimento. Além disso, deve favorecer a queda das taxas, o fato de que a inflação americana esteja prevista para baixar a 2.9%, aproximadamente, neste último trimestre, em termos de doze meses. A desaceleração, entretanto, afasta também a possibilidade de uma nova recessão na economia americana, que estará crescendo em 1985 por volta dos 3 ou 3.5% - "o que garante a continuidade das exportações brasileiras para o mercado americano".